

## O concurso, válvula de segurança social

JORGE XAVIER DE ALMEIDA

Médico psiquiatra

O SERVIÇO público brasileiro seleciona o pessoal por meio de concursos de provas. Dando oportunidade igual a todos, não exige de nenhum sequer a apresentação de diploma de conclusão do curso primário. Este sistema democrático põe a administração federal em condições de recrutar um contingente humano representativo das possibilidades de desenvolvimento intelectual de nossa raça. Além disso, a atual organização do serviço público permite que a nata dêse material humano, que já representa a camada superior da sedimentação de uma massa de centenas de milhares, ocupe os postos técnicos vitais da máquina administrativa permanente.

Dada a pequena percentagem que o número de candidatos aprovados nos concursos representa em relação ao total dos inscritos, quem consegue ingressar no serviço público, mesmo nas carreiras inferiores, pode ser considerado o melhor dentre algumas dezenas de indivíduos. Para as carreiras mais elevadas, a seleção permite que se considere o ocupante de cada cargo como o melhor dentre alguns milhares.

Não existem no país, em nenhum outro setor da atividade humana, elites tão representativas. Em nenhum outro são tantos os que se apresentam e, relativamente, tão poucos os escolhidos.

Um amigo meu, eficiente psiquiatra e jornalista encantador, assistiu, a convite meu, a uma reunião na qual algumas das estrêlas intelectuais do *cast* do D.A.S.P. fizeram um brilhante *show*. Ao sairmos, confessou um tanto humilhado, talvez, e seguramente surpresa: "Em sociedades de medicina nunca assisti a uma discussão em que os contendores dessem uma demonstração tão convincente de agilidade mental e lucidez de raciocínio". O espanto do meu amigo ilustra bem a ignorância em que vivem muitos brasileiros cultos acêrca das revolucionárias transformações sofridas pelo nosso serviço público.

Nada há, todavia, de surpreendente naquela afirmação. Para que possa realizar a ambição de ser

oficial administrativo, por exemplo, uma pessoa não precisa possuir fortuna, amizades, linhagem nobre. Basta que tenha capacidade mental mínima, instrução elementar e energia para estudar. Se quiser ser médico, porém, precisa verificar, antes de mais nada, se dispõe de recursos financeiros suficientes. Se me contam que certo rapaz conseguiu matricular-se numa escola de medicina, posso concluir que talvez êle se tenha revelado mais apto que uns dois ou três e que é, com certeza, o mais rico de uma centena de jovens, igual ou superiormente dotados, que não puderam fazer o mesmo por falta de dinheiro. Após a conclusão do curso, na seleção dos futuros professores, médicos de renome, etc., continua o fator riqueza a exercer influência. E' que só esta possibilita ao jovem profissional fazer cursos de aperfeiçoamento com especialistas de reputação mundial, instalar-se e equipar-se convenientemente e esperar com tranqüilidade a formação de uma boa clientela — processo lento nas cidades grandes. Se o médico recém-formado é pobre e teima em permanecer numa grande cidade, só com enorme superioridade poderá compensar o *handicap* da pobreza; nem ao menos poderá adquirir livros modernos, na sua especialidade. Essa falta, aliás, é apenas teórica, em muitos casos: se os possuísse, talvez não tivesse tempo nem tranqüilidade de espírito para ler.

Depois da riqueza, o fator família e sociedade é que exerce a maior influência na formação das elites médicas: os grupos integrados por parentes, amigos e aderentes, destinados a auxílio mútuo e defesa contra *outsiders*. Não é difícil descobrir o motivo por que têm partido desses grupos reações tão violentas contra os concursos de provas. São favoráveis aos concursos... de títulos. O concurso de títulos é um absurdo lógico: quem não possui títulos, tem poucas probabilidades de conseguí-los; mas um cargo conquistado em concurso de títulos, passa logo a representar título. Obtido um certo número destes, a massa principia a ter crescimento espontâneo, em progressão geométrica.

Vemos, assim, que a elite das profissões liberais não é formada pela decantação da camada superior de uma considerável massa humana, como se dá no caso da elite dos profissionais, da administração; deve, portanto, ser inferior a esta. O melhor cérebro dentre mil é provavelmente superior ao melhor cérebro dentre dez, mas os dez melhores cérebros, escolhidos dentre dez mil, formam um conjunto seguramente superior a um conjunto de dez escolhidos dentre cem.

\* \* \*

O edifício apriorístico que acabo de construir é, naturalmente, de estrutura precária. Uma falha no alicerce, o esquecimento de um fator, pode tornar instável o seu equilíbrio. Transformá-lo-ia certamente em escombros a marretada do resultado oposto de um exame psicométrico, a que fôsse submetido um grupo de funcionários selecionados por concurso.

Apesar de ter uma noção muito clara do valor relativo das especulações que não se baseiam em fatos, nem têm uma cúpola de fatos a que devam ajustar-se, não resisto à tentação de procurar saber se o atual sistema de concursos seleciona apenas inteligências ou se seleciona também temperamentos e caracteres.

Vou adotar, para isso, a classificação mais em voga atualmente, cuja chave mestra divide os homens em ciclotímicos e esquizotímicos. Os ciclotímicos são indivíduos sociáveis, práticos, adaptáveis, que facilmente estabelecem intercomunicação afetiva com outras criaturas humanas (sintonização); têm os pés sempre firmemente plantados no solo seguro da realidade objetiva. Os esquizotímicos são indivíduos pouco práticos que, ao contrário dos ciclotímicos, raramente se sentem bem em sociedade. São esquisitões, formalistas, idealistas, tímidos e amantes de atividades solitárias, que exijam concentração mental.

Eis como STRECKER e EBAUGH confrontam o extrovertido e o introvertido (sendo conceitos correspondentes, tomei a liberdade de trocar os termos introvertido por esquizotímico e extrovertido por ciclotímico):

*“Quem tem mais propensão para pensar que para agir é um esquizotímico. O esquizotímico retira seus maiores prazeres de dentro de si mesmo; o ciclotímico, de fora. O reino do cérebro e do pensamento, e o mundo exterior, são suas esferas respectivas. Para um,*

*o pensamento é uma coisa pálida, sem vida, irreal. Para outro, a ação é algo irrelevante e sem valor. O esquizotímico tem tendência para ser frio, aparentemente triste, insociável e inativo; não é homem de ação, mas sim planejador e teorista. Um tipo não é mais conveniente, admirável ou útil que o outro. O mundo necessita de ambos. O ciclotímico faz coisas, é homem do mundo, sociável, alegre. O esquizotímico fornece as invenções e os planos para o futuro. O presente pertence a um, a outro o futuro. Por causa de sua insociabilidade e capacidade de isolamento, o esquizotímico tem uma visão mais clara de certos problemas e encontra soluções que nunca ocorreriam ao ciclotímico. O esquizotímico é sonhador e inventor, muitas das grandes descobertas foram feitas por ele”.*

Sob o regime anterior ao D.A.S.P., ingressar ou atingir postos elevados, no serviço público, era principalmente uma questão de ter parentes ou conquistar amigos influentes. Tanto para a conquista dessas amizades, como para explorá-las habilmente, o ciclotímico levava uma grande vantagem sobre o esquizotímico. Além de ter maior dificuldade em fazer amizades, por ser amante da solidão e pouco comunicativo, o esquizotímico não tem o oportunismo pronto e ágil que, de modo geral, caracteriza o ciclotímico. Mesmo que o esquizotímico tivesse um parente ou conquistasse um amigo que lhe pudesse arranjar o emprego, é bem possível que a timidez o impedisse de dar os passos necessários.

Apesar de todas as facilidades que o ciclotímico encontraria para ingressar e fazer carreira no serviço público, antes da existência do D.A.S.P., não pretendo afirmar que o número de funcionários ciclotímicos fôsse maior do que o de funcionários esquizotímicos. Isso porque, de modo geral, o ciclotímico não tem aptidão nem gosto para as atividades burocráticas. O esquizotímico é que encontra nessas atividades sua ocupação ideal: trabalho isolado e, nas funções rotineiras, nada de chocante para sua sensibilidade, que aí é até freqüentemente exaltada. Além disso, seu idealismo torna possível uma sincera e desinteressada dedicação às causas coletivas. O esquizotímico gosta de operar com idéias, planos, relatórios, teorias. O ciclotímico prefere trabalhar com pessoas e coisas concretas. E como as profissões em que é necessária a aptidão para tratar com o público (corretor, agente de seguros, etc.) são muito mais lucrativas que a profissão de funcionário público...

Parece-me, assim, razoável supor que, antigamente, o serviço público recrutava os esquizotími-

cos mais normais (esquizóticos dotados de mais senso prático e capacidade de adaptação) e os ciclotímicos menos inteligentes.

Presentemente, o sistema de concurso de provas deve estar desviando do serviço público os ciclotímicos do sexo masculino. E' que os mais capazes dêsse tipo encontram melhores oportunidades em outras carreiras; e os mal dotados intelectualmente não têm possibilidades de sucesso nos concursos.

Por outro lado, sendo o esquizoide suscetível de continuar ótimo estudante, mesmo quando já se encontra a uma distância muito curta da loucura, pode-se conjecturar que o novo sistema de seleção esteja colocando, nas repartições públicas, indivíduos desajustados, instáveis, ou de mentalidade de-reística.

Apesar de os tipos esquizoides, recolhidos pelas redes das provas de seleção, representarem uma ameaça para a boa ordem das atividades burocráticas, é do interesse do Estado dar a tais indivíduos uma profissão à altura da sua capacidade intelectual. Os esquizoides instáveis e desajustados frequentemente se tornam agitadores subversivos e propagandistas de credos políticos extremistas; dêles os mais inteligentes são, naturalmente, os mais perigosos. Dêste modo, as perturbações que

poderão trazer ao funcionamento da máquina administrativa não são tão graves como o perigo que poderiam constituir para as instituições políticas, caso não encontrassem uma profissão que os satisfizesse.

Além dêsses tipos mórbidos, o sistema de concursos recolhe e neutraliza outra categoria de possíveis futuros solapadores da ordem política ou social.

Quaisquer organizações humanas em que haja uma estratificação social impermeável têm existência precária; os descendentes dos melhores homens de uma geração não são os melhores homens da geração seguinte. Em todas as gerações, brotam das camadas mais baixas do povo valores que, ou conseguem um lugar condigno dentro da ordem social existente e se transformam em seus defensores, ou não encontram êsse lugar e tratam de destruir a escada cujos degraus foram impedidos de galgar.

Foi o que aconteceu em 1789, na França, e em 1917, na Rússia.

O sistema de concursos de provas é, assim, uma válvula de segurança social, pois impede que a pressão acumulada nas camadas inferiores da sociedade, pela formação contínua de indivíduos superiores, provoque tensões altas, explosivas.